

Rumo ao impensado

Renato Tardivo

Resenha de Tales Ab'Sáber, *Ensaio, fragmento – 205 apontamentos de um ano*, São Paulo, Editora 34, 2014, 144 p.

Ensaio, fragmento – 205 apontamentos de um ano apresenta um modo inusitado de pensar a cultura. Conforme indicação do título, a obra extrapola as fronteiras de gênero, e é justamente esse o seu mérito: reunir forma ousada e conteúdo polêmico.

Para começo de conversa, é bom alertar, não se trata da aplicação de conceitos da psicanálise a questões culturais ou históricas. Com efeito, trata-se de ideias pensadas por um psicanalista, mas o interesse do autor aqui não é a teoria psicanalítica. Qual o interesse então? Poderia dizer: a influência de José de Alencar cronista no Machado de Assis ficcionista, o pensamento crítico de Roberto Schwarz, a obra de Caetano Veloso, o lulismo, o mundo contemporâneo, a clínica psicanalítica... E é isso tudo, mas não só. Por meio de argumentações originais, constatações sensíveis e erudição histórica, o invisível do livro alude aos mecanismos de construção de suas próprias teses.

Os 205 apontamentos são separados por espaçamentos entre os parágrafos – não há

divisão em capítulos. Há temas que retornam, sendo construídos, portanto, em alternância uns com os outros e consigo mesmos. Tudo se entrelaça. Algo próximo à espinha dorsal do livro (não se pode falar propriamente em espinha dorsal, por conta da fragmentação) talvez seja a tese de que a obra madura de Machado de Assis, a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, foi influenciada pelas crônicas de José de Alencar, mais exatamente as reunidas no livro *Ao correr da pena* (Ab'Sáber analisa uma delas, incluída como anexo deste *Ensaio, fragmento*):

Machado de Assis pode ter lido *Ao correr da pena* e ter sido influenciado conscientemente pela forma de apresentação e ocupação do espaço literário e público do jovem José de Alencar, que tem vínculos íntimos com a sua obra-prima [*Memórias póstumas de Brás Cubas*]. (p. 112)

Nesse caso, embora Machado de Assis jamais tenha explicitado essa influência, Tales Ab'Sáber argumenta convincentemente que se trata de uma possibilidade não pouco provável. Mas o autor vai além:

Ou [Machado de Assis] pode ter chegado sozinho, de modo inconsciente, pela pesquisa, observação e avaliação do tempo, àquela mesma forma, que para além de todo o radical talento e habilidade do escritor, também existia concretamente lá, em seu mundo. Este segundo caso é ainda mais interessante. (p. 112)

E este segundo caso é ainda mais interessante, uma vez que corroboraria o próprio movimento empreendido pelo livro: é a combinação entre fragmentos diversos que compõem a história. Com efeito, o mergulho na obra desses dois escritores – e na de outros – que viveram e pensaram o Brasil em diferentes períodos vai desordenadamente – como é próprio aos processos históricos – preparando terreno para a reconstrução de elementos da história do país, desconstruindo o discurso hegemônico. Nessa medida, por exemplo, a leitura da poética de

Renato Tardivo é psicanalista e escritor; autor dos livros de contos *Do avesso* (USP/Com-Arte) e *Silente* (7 Letras) e de *Porvir que vem antes de tudo – literatura e cinema em Lavoura Arcaica* (Ateliê Editorial/Fapesp).

Caetano Veloso (*nosso Goethe?*), tomada em seu *lirismo dialético*, é extremamente inventiva.

Mas, além das argumentações mais extensas, que se aproximam da forma ensaio, os 205 apontamentos incluem observações incisivas, condensadas e poéticas: aforismos, micro-crônicas, fragmentos do cotidiano, *flashes* de pensamento, relatos de pacientes. Conquanto presentes ao longo de todo o livro, é no início e no fim que os parágrafos curtos mais aparecem. Alguns casos: “Se concentra no seu silêncio. Intensifica a vergonha de ser humano. E anda pela rua” (p. 18); “E a felicidade explícita dos pobres?” (p. 18); “De um paciente: ‘Dá para ver nos seus olhos o quanto eu estou triste’” (p. 21); “E a felicidade obscena dos ricos?” (p. 32); “Um psicanalista não decodifica e nomeia um passado, que pode ser pensado. Ele permite que o sentido *do que não aconteceu* aconteça, o que é muito mais difícil do que as palavras sabem alcançar” (p. 33); “Viajamos para lembrar o que de melhor se chegou a realizar em algum outro mundo e que na experiência histórica do nosso foi esquecido” (p. 114).

A viagem, nesse último fragmento citado, talvez diga algo a respeito da viagem a que o livro se lança: parte do instante, investiga o passado (histórico, cultural, social) e retorna ao instante: instante do Facebook, da música de Criolo, da possibilidade sempre próxima de colapso econômico e político, das mesmas novidades...

As marcas e inscrições do livro desvelam, ainda que indiretamente, o processo de sua própria construção: os pensamentos já estão lá, à espera de serem pensados, como afirmava Bion. E, assim, sublinham a importância da tomada de consideração, para o ofício do psicanalista, de sua humanidade.

Ao debruçar-se sobre si mesmo, é o impensado do livro que, em toda a sua potencialidade, emerge, ao encontro, talvez, do “estranho afeto, o *duplo* encontrado” (p. 112). Afinal, “na hora da perda de si mesmo no morto surgem palavras que nunca foram ditas. Elas são anteriores à consolidação e à escolha da rede de palavras fundamentais de cada um e lembram aspectos de nós mesmos que nunca se realizaram, que nunca chegamos a viver” (p. 61). Mas que já estavam lá.